

CORpo MANIFESTO, de Sérgio Adriano H, e FRESTAS, de Renata Tassinari, no CCBB Rio de Janeiro

As narrativas históricas da identidade negra no Brasil expressas nos trabalhos da mostra de Sérgio Adriano H, e explosão da cor e da forma na mais recente produção de Renata Tassinari ocupam os espaços expositivos da instituição no centro do Rio de Janeiro

CORpo MANIFESTO, DE SÉRGIO ADRIANO H



A mostra celebra os 25 anos de carreira do artista e marca sua maior exposição individual, com 113 obras, sendo 33 inéditas, selecionadas pela dupla de curadores, Juliana Crispe e Claudinei Roberto. Os trabalhos compõem um panorama de toda a produção de Sergio Adriano, em diversas linguagens artísticas, como fotoperformance, escultura, pintura, instalação e vídeo. Entre os destaques, *“Ordem e Progresso – Direito das Obrigações”* (da série *Palavras Tomadas*), *“O lugar que pertence”* e *“História do Brasil”*.



Série *História do Brasil* – *Civilizados Branco sobre Branco*

Através de sua poética visualmente impactante, o artista usa o próprio corpo como ferramenta artística contra o racismo estrutural e a invisibilidade histórica

do povo negro no Brasil, a partir do viés conceitual da decolonialidade. Ele propõe pensar nas histórias ausentes, nas palavras não ditas e nas “palavras tomadas”, dando voz ao silenciado e explorando as fronteiras entre a história social ocultada e a apresentada, em um “P. S.” (post scriptum) que reivindica o legado ancestral.

Para ele, ser um artista negro requer consciência de representatividade, resistência, existência, ancestralidade e coletividade. *“Eu tenho um sonho e estou transformando esse sonho em um mantra para que, de tanto ser repetido, inspire outros a sonhar. Me vejo nas crianças negras e, por isso, quero que elas se reconheçam no meu trabalho. Minha arte é um monumento de mulheres e homens negros que inspira o futuro e colabora para que jovens e crianças se reconheçam – e sintam que também podem voar alto e estabelecer sua representatividade para que nunca mais deixem de sonhar”*, compartilha.

Juliana Crispe salienta que a mostra panorâmica do artista vai além de uma exposição: é um chamado urgente para que a história do país seja revisitada. *“Que esta exposição seja um manifesto para a história do Brasil que precisa ser interrogada e reconstruída, ativando a educação como campo de ação e transformação. Que cada pessoa que visite CORpo MANIFESTO possa questionar seu papel e refletir sobre sua atuação nos processos de mudança nesta sociedade”*, afirma a curadora.

Para o curador Claudinei Roberto, a exposição ressignifica a função da arte na contemporaneidade, ao abor-



CORpo MANIFESTO

dar temas de grande relevância social. *“O corpo do artista é uma plataforma de resistência e reflexão sobre as tensões entre o passado colonial e o presente racista. Sérgio Adriano H traz à tona as feridas históricas que ainda precisam ser curadas, e faz isso com uma linguagem que é simultaneamente poética e política, desafiando o público a participar ativamente dessa reflexão”*, conclui.

Durante o período da exposição estão previstas diversas visitas mediadas, workshop e rodas de conversa, ampliando o contato do artista e curadores com o público.

SOBRE SÉRGIO ADRIANO H

É artista visual afro-diaspórico, performer, fotógrafo, pesquisador, formado em artes visuais e mestre em

filosofia. Vive e produz entre sua cidade natal, Joinville/SC, Florianópolis/SC e São Paulo/SP. Contabiliza mais de 220 exposições nacionais e internacionais, com destaque para as individuais: *“desCOLONIZARCORpos”*, no Institut National d’Histoire de l’Art, Paris, e Caixa Cultural, Brasília, ambas em 2023. Entre as mostras Coletivas, *“dos Brasis”* (2024/2025), coletiva itinerante Sesc Nacional; 13ª e 14ª Bienal Internacional de Curitiba (2017/19); 8ª Bienal Argentina (2018); *Encruzilhada*, Museu de Arte Moderna da Bahia (2022); e *“Visão do Paraíso”*, Centro Cultural Brasil-Moçambique, Maputo/Moçambique (2022). Possui obras em 20 acervos públicos, dentre os quais, Museu de Arte Contemporânea – MAC USP; Museu de Arte Moderna de São Paulo – MAM; Museu de Arte do Rio – MAR; Museu de Arte Moderna da Bahia – MAM.

FRESTAS, DE RENATA TASSINARI



Narciso II,
2023

Foto:
Romulo Fialdini

Doze trabalhos, recentes e inéditos, feitos sobre caixas de acrílico pintadas por fora e por dentro, compõem a exposição que comemora os 40 anos de trajetória da artista, no segundo andar do CCB. Com curadoria Fe-

lipe Scovino, as obras exibem um recorte da produção de Tassinari com foco na geometria e nas situações intervalares que sua pintura objetual apresenta. *“A pesquisa em torno de uma forma que inclina-se à não*



Marola, 2022

Foto: Romulo Fialdini

fixação, move suas obras para um lugar onde a cor e a forma tendem a idealizar uma ideia ou imagem da natureza”, revela Felipe Scovino.

Apesar de não serem feitas no suporte tradicional da tela, a artista chama as obras de pinturas. *“Os trabalhos têm uma relação muito forte com a forma e com a cor, uma pesquisa que venho desenvolvendo há muitos anos. São pinturas, mas têm um caráter de objeto porque saem da parede e conversam com o espaço”, afirma.*

A artista, que trabalha há bastante tempo com as caixas de acrílico, foi criando novos formatos e trazendo novos elementos para as obras, como a madeira e o acrílico espelhado. *“Chamei alguns trabalhos de ‘Narciso’ por causa do espelho – mas o acrílico espelhado não é como um espelho no qual você vê exatamente a sua imagem, é uma imagem distorcida”, diz Renata, ao explicar que a imagem refletida pelo acrílico tem movimento, como o fluxo de água de um rio.*



Ultramar, 2024

Foto: Romulo Fialdini

“A cor nas obras de Tassinari corre. Mesmo concentrada, adquirindo um certo grau de espessura, a cor deseja o movimento. A estrutura de acrílico, preenchida de cor, longilínea e quebradiça condiciona um deslocamento. Há decididamente a imagem metafórica de um rio e não é à toa, portanto, que alguns títulos, mais uma vez, evoquem esse universo das águas”, diz o curador, referindo-se aos nomes de obras como “Marola” e “Ultramar”.

A artista começou a trabalhar com as caixas de acrílico – que inicialmente eram usadas como moldura para seus desenhos – em 2002, com o intuito de ampliar a relação arquitetônica das obras com o espaço. No início, pintava apenas por cima das caixas, mas, com o tempo, começou a pintar também internamente. *“Faço uma relação entre a cor e o brilho; a tinta acrílica vai por dentro e tinta a óleo vai por fora. Venho de uma*

tradição de pintura na tela de muitos anos e gosto de usar o óleo, pois acho que as cores são mais interessantes, gosto da textura, ela tem mais corpo, acho que funciona melhor”, conta.

As obras possuem diversos formatos, sejam horizontais, verticais, em L ou em cruz. Em algumas obras, como *“Ultramar”* e *“Copacabana”*, por exemplo, o acrílico espelhado entra como um elemento entre duas barras verticais, criando um espaço, um intervalo entre elas. Em outras, como *“Marola”*, o acrílico espelhado é completado por cores variadas. Já as obras em formato de L parecem ser parte de uma estrutura geométrica a ser completada. O nome da exposição – *“Frestas”* – tem a ver com essas questões, com o intervalo, com os espaços vazados.

“Há esta ideia de fratura, da espera de uma espécie de complemento, sejam nas ‘Beiras’, seja na ‘Marola’ ou em ‘Narciso’. No caso de ‘Narciso’, esse complemento vem muito do espelhamento que o trabalho produz e, portanto, da relação do espectador que se vê dentro daquele trabalho. A geometria, de alguma forma, se alimenta daquele espectador, há um certo grau cinético”, ressalta o curador.

SOBRE A ARTISTA

Renata Tassinari (São Paulo, 1958) formou-se em Artes Plásticas na Fundação Armando Álvares Penteado, FAAP, em 1980. Dentre suas últimas exposições individuais estão: *“Reflexos”* (2024), na Galeria Marília Razuk, São Paulo; *“Construções Planares”* (2023), na Maneco Muller: Multiplo, Rio de Janeiro; *“Beiras”* (2019), na Galeria Marília Razuk, São Paulo; *“A Espessura da Cor”*

(2018), na Lurixs Arte Contemporânea, Rio de Janeiro; e *“Renata Tassinari”* (2015), no Paço Imperial, Rio de Janeiro. Entre as principais exposições coletivas estão: *“A Tela Insurgente”* (2025), no Instituto Figueiredo Ferraz, Ribeirão Preto; *“Mulheres na Coleção MAR”* (2018), no Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro; *“Brazilianart”* (2006), no Pavilhão da Bienal, São Paulo; *“Arquivo Geral”* (2006), no Centro Hélio Oiticica, Rio de Janeiro; *“1ª Mostra do Programa de Exposições”* (1999), no Centro Cultural São Paulo; mostra no Museu de Arte de Ribeirão Preto (MARP), SP, em 1998.

SERVIÇO

CORpo MANIFESTO – Sérgio Adriano H

Até 15 de setembro

Frestas– Renata Tassinari

Até 22 de setembro

Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro

Rua Primeiro de Março, 66, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Informações: (21) 3808-2020 / ccbbrio@bb.com.br

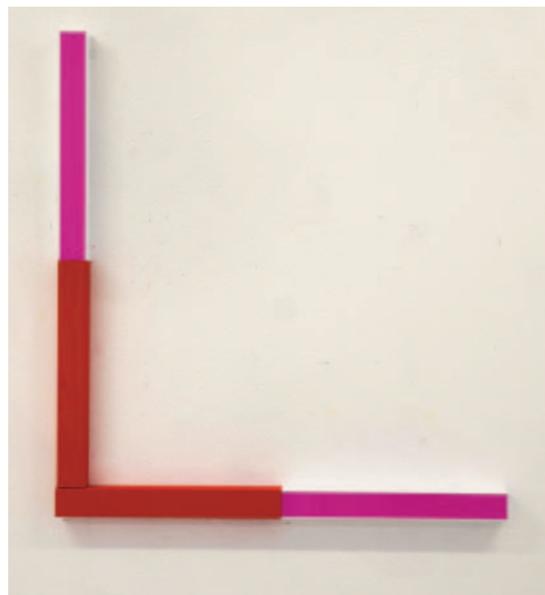
Dias/Horários: de quarta a segunda, das 9h às 20h.

Fechado às terças-feiras.

Classificação indicativa: Livre | Entrada gratuita

Ingressos disponíveis na bilheteria física ou pelo site do CCBB

– bb.com.br/cultura



Beira Rosa II, 2025

Foto:
Romulo Fialdini